

ARTIGO

## PSICANÁLISE NÃO É UM *BUSINESS*

dezembro de 2009

Não sou a primeira a dizer que psicanálise não é uma profissão. Nela, nada se professa – nem como profeta, nem como professor. Psicanálise não se ensina. Ela, afinal, nem é um saber.

É uma saída, simplesmente.

Aliás, é a única saída das armadilhas da ordem social. Tanto daquelas que a sociedade nos coloca a cada dia, quanto das que alguém pode carregar consigo como crença na obrigação, na moralidade do mundo, na segurança da previsibilidade. Em outras palavras, é uma saída ao sintoma obsessivo: aquele que só sossega quando reitera a ordem sempre ameaçada.

Por outro lado, a psicanálise é também uma saída ao niilismo, ao relativismo, ao cinismo e à revolta contra a ordem. Na psicanálise, descansamos de viver a insatisfação com o entorno ou conosco mesmos. Nela, escapamos à ânsia de querer sempre o próximo acontecimento, a transformação, o novo. A psicanálise dispensa o sintoma histérico: aquele que jamais sossega, e recusa toda resposta ordenadora.

Sendo assim, a psicanálise não tem projeto. Obsessão e histeria é que têm: o projeto da obsessão é valorizar o bem construído, o da histeria é a renovação insaciável. A psicanálise não trabalha. Por isto, o psicanalista também não. Sem projeto, não se fica *busy*. Psicanálise é a *easiness* possível em sociedade.

Por isto, é estranho se um analista parecer ocupado com o consultório. A clínica não é um projeto do psicanalista. Podem haver projetos de edição, de palestras, de pesquisa, em empresas. Aí, sim, talvez o analista fique *busy*, uma parte dos dias, tensionando o mundo em busca de algum tipo de “bem”, ou afirmando algum “bem”, na defesa da existência desses projetos. Essas serão sempre suas tolices, seus enganos... as tentativas de transmissão. Melhor fazê-las com cuidado para que jamais se tornem profissão. Que analista quereria professar demais o que quer que seja?

Não é possível, ao clínico, portanto, nem mesmo cuidar do consultório como negócio. O espaço da psicanálise não é um lugar – ou, melhor dizer, não existe. O máximo que um consultório pode ser para a psicanálise é um ponto de encontro.

Que precária seria a psicanálise como saída do sintoma, se ela tivesse um “consultório” onde ocorrer. Ela acontece sempre que alguém que procura a saída tromba com alguém que já a encontrou – um analista.

Lacan teve a delicadeza de perceber que um analista é analista o tempo todo. Por que não seria? Quem, uma vez liberado do medo de quebra da ordem, ou da ânsia pela renovação da ordem, quereria retornar às posições ameaçadas?

Um analista é simplesmente alguém que pode cortar uma conversa obsessiva, porque não acredita nas verdades que o obsessivo sustenta, nem em suas dúvidas, nem em seu projeto de ajustar o ponto de vista. Para um analista, as verdades, as dúvidas sobre elas e os ajustes no realismo são localizados como entraves ao desejo. O analista não se interessa, encerra a sessão, boceja diante da redundância do pensamento obsessivo, ou abre novo tema. O obsessivo descobre assim que alguém no mundo vive sem o sofrimento da obsessão. Outra via de acesso à vida é possível.

Um analista é alguém que não se sensibiliza tampouco com a histeria de um novo mundo, com a conversa de que tudo será melhor amanhã, se nós apenas corrigirmos isto e seguirmos aquilo, trabalharmos de certa maneira, comprarmos ou produzirmos sabe-se lá o quê. O analista interrompe o relato do anseio histérico no meio, sem querer saber o *gran finale*. Acha graça no grande projeto, desdenha a salvação, confunde as receitinhas de viver-bem-a-partir-de-amanhã que a histeria produz aos tonéis.

Quando está em atendimento, um clínico não deve satisfação ao mundo. Especialmente ali, não projetou nada, não pediu, não prometeu. A perfeição da psicanálise é que o analista simplesmente não seja pego nas tramas dos sintomas, para que o analisando encontre sua saída. Eis o que alguns chamam “tratamento”.

O analisando precisa contar com a não captura do analista nos *businesses* da neurose: o covarde trabalho de impedir o futuro de desabar ou a proposta presunçosa de construir algo melhor do que está. Que o analista seja sim, como disse Lacan, analista o tempo todo. Um desocupado de sofrer junto. Um desempregado da neurose. Um desapegado de qualquer ordem ou desordem, de construção ou destruição. Que comece pela própria vida.

*Easiness.*